

DECOLONIZANDO PENSAMENTOS E HISTÓRIAS DO UNIVERSO FEMININO, UMA APROXIMAÇÃO NECESSÁRIA: A CONTRIBUIÇÃO DE BELL HOOKS

Priscila Gambarra de Souza Portocarrero, Janete da Rosa Fonseca

prigambarra89@gmail.com, janete.fonseca@ufms.br

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

III Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG IFMS 2023

Resumo. *Buscando o conhecimento e aproximação ao feminismo e luta contra a educação patriarcal enraizada na sociedade. Analisamos relatos da obra de bell hooks, que traz além de muito conhecimento, uma linguagem de fácil entendimento, visando disseminar o que é o feminismo, como devemos combater desde a criação de filhos e filhas antissexistas. A liberdade de ser quem é de forma leve, contra pré-conceitos incutidos desde o nascimento. A auto estima que são importantes para esse caminhar, e reconhecer em si mesmas o sexismo que nos foi imposto pela criação patriarcal. A constante disputa entre mulheres, muito estimulada até mesmo no mundo de hoje. Compreender que nem todos estamos na mesma situação, muitos por suas diferenças de classes sociais e de raça, e não deixar que isso nos impeça de continuar no movimento. O conhecimento sempre será o melhor caminho para partilhar lutas e descobertas sobre temas com tamanha relevância como o feminismo.*

Palavras-chave. *feminismo, sexismo, gênero.*

Abstract. *Seeking knowledge and approximation to feminism and the fight against patriarchal education rooted in society. We analyzed reports from the work of bell hooks, which brings, in addition to a lot of knowledge, an easy-to-understand language, aiming to disseminate what feminism is, how we must fight it from raising antiseist sons and daughters. The freedom to be who you are lightly, against preconceptions instilled from birth. The self-esteem that is important for this journey, and recognizing in themselves the sexism imposed on us by patriarchal upbringing. The constant dispute between women, very stimulated even in today's world. Understanding that we are not all in the same situation, many due to their differences in social class and race, and not letting that stop them from continuing in the movement. Knowledge will always be the best way to share struggles and discoveries on topics of such relevance as feminism.*

Key words. *feminism, sexism, gender.*

Introdução

Quando se vive em uma cultura patriarcal, a busca em se analisar o feminismo e as dificuldades de ser feminista com muitos desses “conceitos”, de certa maneira enraizados em uma grande parte da população, independentemente do sexo, nos direciona a questões várias, e que em especial, trazemos nesse artigo, análises sobre o mundo em que essas mulheres vivem e conseqüentemente o desbravam diariamente para galgar seu lugar de direito, e seus caminhos para conquistar um espaço que lhe é justo. Os questionamentos são muitos, ainda que em vários momentos da vida, nos deparemos com diversos exemplos de mulheres de sucesso. Por onde caminharam essas mulheres? Quais questionamentos permearam sua mente que as fizeram seguir a diante?

Trazendo bell hooks em uma de suas obras, O Feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras (2018), como objeto central da nossa reflexão, esperamos de alguma forma, além de encontrar respostas, mostrar também para outras pessoas que se interessem como nós pela temática, algumas indicações de por onde incursionar nessa trajetória.

É preciso que esclarecer que utilizaremos a grafia do nome da autora, professora, teórica feminista, artista e ativista antirracista estadunidense, bell hooks, em minúsculo para atender uma exigência da mesma, e que “bell hooks” era um pseudônimo, visto que se chamava Gloria Jean Watkins, por que queria que prestássemos mais atenção no que ela escrevia do que nela mesma.

Em relação à obra em destaque, de uma forma clara e objetiva explica o feminismo e seus conceitos, suas lutas para que a aproximação dessa causa por todos seja em forma de conhecimento e sem pré-conceitos em relação à luta feminina.

Quando se é mulher, inúmeras vezes somos questionadas, até mesmo por outras mulheres, se escolhemos estudar, se escolhemos trabalhar, casar, ter filhos, deixar de

trabalhar por seus filhos, enfim, tudo isso pode ser um conflito com ela mesma ou com a sociedade.

Além dessas imposições de escolhas, surgem perguntas frequentes, obrigando quase que em forma de coação, a tomada imediata de decisões por seu futuro, o qual ainda, tem-se que lidar com lugares em que essas mulheres estão mais sujeitas a serem vistas apenas como corpos, objeto de desejo e reprodução.

Como ser mulher e não passar por todos esses questionamentos, vindo de suas próprias casas, de seus amigos, da sociedade? Como sobreviver a uma sociedade que cobra tanto, sem dar suporte a esses tipo de dúvida?

E quando a mulher resolve se tornar mãe, os questionamentos, preocupações, medos, se tornam ainda mais constantes. Alguns medos a fazem inclusive mudar de ideia, de local de estudo, de toda foram de busca de conhecimento, que antes tido em alta por elas, se transmudam, pois, apenas exemplificadamente, após notícias de assédio e importunação sexual contra meninas/mulheres, estes locais, antes tidos como seguros já não são mais uma opção. Em seu livro *Olhares negros: raça e representação*, bell hooks (2019), traz o caso de Anita Hill¹, que tivera a coragem de publicamente declarar que havia sido assediada sexualmente por Clarence Thomas, que usou seu poder para coagir e tentar dominar uma mulher por meio do assédio sexual.

Ele evocou a questão da raça em sua defesa e Anita Hill se tornou alvo de um interrogatório duro e machista.

Vivemos em mundo onde notícias de assédios são tão recorrentes, que assusta e afugenta, e é essa constante busca para conquistar seu lugar de direito, novos conhecimentos, sonhos e seus objetivos são deixados de lado, para se adequarem ao mundo que as cerca. As mulheres são criadas para serem filhas obedientes, depois esposas obedientes e no ambiente de trabalho e/ou de estudo, agir como se não estivessem percebendo o assédio que sofrem.

¹ Anita Faye Hill é uma professora da Universidade de Brandeis, advogada e ativista. Se tornou conhecida porque em 1991 acusou o candidato ao Supremo Tribunal dos Estados Unidos, Clarence Thomas, de tê-la assediado sexualmente enquanto era seu supervisor na EEOC na década dos 80. Em 1989, ela se tornou a primeira professora afro-americana titular da faculdade de direito da Universidade de Oklahoma (OU). Clarence Thomas era um Jurista negro e conservador. Ele foi indicado para a Suprema Corte dos Estados Unidos e o caso colocou em evidência as relações de abuso sexual no ambiente de trabalho e também as questões que envolvem a igualdade de gênero e raça em nossas sociedades.

Desde a infância as mulheres são bombardeadas com receitas de como devem comportar-se, como devem agir para ter um comportamento adequado a feminilidade, como indica Funck (2014), desde a infância, indicativos de feminilidade e de masculinidade que acabam por transformar o mundo em uma verdadeira loja de brinquedos – rosa de um lado e todas as outras cores do outro. Relatos de assédio sexual a mulheres que estão em seus locais de estudo tem sido cada vez mais frequente, locais que se consideram plurais, locais onde o pensamento crítico deve ser ensinado ainda se curvam as amarras do patriarcado, mantendo práticas de machismo e misoginia.

As diferenças entre as mulheres na luta e as crenças que existiam não eram as mesmas para bell hooks ...

Entendendo na pele que as mulheres não eram iguais na sua condição feminista, uma vez que existiam aquelas que não estavam sendo beneficiadas pelo movimento feminista, jogou luz as desigualdades vividas entre elas na época. Em um de seus relatos nos traz a seguinte questão, que nos inquieta, vivida por ela no início de sua formação em nível superior.

Quando cheguei à faculdade, fiquei realmente abismada ao encontrar professores que pareciam ter como principal fonte de prazer na sala de aula o exercício do poder autoritário, esmagando nossos espíritos e desumanizando nossa mente e nosso corpo. Escolhi frequentar a Universidade Stanford, uma faculdade predominantemente branca (sobretudo porque as alternativas de financiamento estudantil eram melhores que as oferecidas por instituições para negros), mas em nenhum momento pensei em como seria estudar com professores racistas. Mesmo tendo cursado o ensino médio com professores abertamente racistas que nos desprezavam e eram indelicados, eu havia romantizado a faculdade. Acreditei que seria o paraíso do aprendizado, onde estaríamos todos tão ocupados estudando que jamais teríamos tempo para as coisas mesquinhas deste mundo, muito menos para o racismo (HOOKS, 2020, p.21)

A raça e condição social também as diferenciavam. Saber que as margens do movimento existiam mulheres que não eram vistas, não tinham o mesmo convívio e contexto social como as mulheres brancas e de elite, eram necessários esse

reconhecimento, o das diferenças entre elas, para que de fato fosse justo para todas as mulheres.

Feministas são formadas, não nascem feministas. Uma pessoa não se torna defensora de políticas feministas simplesmente por ter o privilégio de ter nascido do sexo feminino. Assim como a todas as posições políticas, uma pessoa adere às políticas feministas por escolha e ação. Quando mulheres se organizaram pela primeira vez em grupos para, juntas, conversar sobre questões relacionadas a sexismo e à dominação masculina, elas foram claras quanto ao fato de que mulheres eram tão socializadas para acreditar em pensamentos e valores sexistas quanto os homens. (HOOKS, 2018, p.23)

Sabendo que o sexismo era não era apenas visto nos homens, as mulheres também eram muito sexistas, pois, esse pensamento era incutido na criação e pode ser visto até os dias atuais. Para bell hooks era necessário em um primeiro momento identificar sexismos nelas mesmas, para de fato entenderem o feminismo. Era necessário um mergulho para dentro de cada uma, e essas reuniões que aconteciam no início importava muito. Espaço para que todas falassem o que pensam, e o viviam dentro de suas casas e em seus trabalhos, suas crenças, para que de fato entendessem o real objetivo da luta.

Por vários momentos do movimento feminista, homens acreditavam que apenas eram mulheres com raiva de homens, lésbicas que faziam parte e determinavam o movimento. A realidade é que num primeiro momento foi esse sentimento que as moveu e gerou inicialmente a luta, mas também um longo tempo sendo subestimadas, violentadas e oprimidas por eles.

De fato, o sentimento anti-homem estava muito presente entre as ativistas do

Início do feminismo, que reagiam com ira à dominação masculina. Essa raiva da injustiça foi o impulso para a criação do movimento de libertação da mulher. Ainda no início, grande parte das ativistas feministas (a maioria, branca) tomou consciência da natureza da dominação masculina quando trabalhava em contextos anticlassistas e antirracistas, com homens que falavam para o mundo sobre a importância da liberdade enquanto subordinavam as mulheres de sua classe. (HOOKS, 2018, p. 18).

O entendimento da causa era de extrema importância não apenas para mulheres, homens também poderiam se livrar de amarras do patriarcado. A constante necessidade de ser superior a mulheres, diminuí-las e ter o absoluto controle também era cansativo. O patriarcado é uma norma cultural de identidade que concede poder, privilégio e prestígio a partir da masculinidade. O discurso do patriarca diz basear-se na biologia humana, mas é fundamentalmente político – um meio de conectar os homens (HOOKS,2019).

Homens que aderiam ao feminismo compreendendo seus objetivos, que o movimento não era contra os homens e sim buscava igualdade, eram tão importantes quanto as mulheres lutando juntas. Afinal, hooks (2019), esclarece que buscar uma aproximação com o outro não faz com que esse outro tenha que abrir mão de sua posição ou de sua condição.

Sororidade e sua importância na caminhada feminista

Entre as mulheres sempre existiram as disputas, muitas apoiadas pelo desejo de ser melhor do que a outra, e pela crença que tem/tinham de que deveria existir rivalidade entre ambas. Isso ainda é muito comum nos dias de hoje, fato que essa ruptura entre as mulheres nunca ajudou na caminhada feminista.

(...) chamávamos de “o inimigo interno”, em referência ao nosso sexismo internalizado. Sabíamos, por experiência própria, que, como mulheres, fomos socializadas pelo pensamento patriarcal para enxergar a nós mesmas como pessoas inferiores aos homens, para nos ver, sempre e somente, competindo umas com as outras pela aprovação patriarcal, para olhar umas às outras com inveja, medo e ódio. O pensamento sexista nos fez julgar sem compaixão e punir duramente umas às outras. (HOOKS, 2018, p.29).

As crenças e o complexo de inferioridade entre os gêneros, alavancava muito essas disputas, que só poderiam ocorrer com pessoas do mesmo sexo, já que o patriarcado não permitia que nada atingisse aos homens. A eles não respingava nada em suas relações entre os mesmos. As mulheres sempre com a necessidade de se mostrar melhor que as outras, com uma autoestima muito baixa. O movimento tinha que olhar para essa ferida feminina provocada pela sociedade patriarcal.

Em um momento de fraqueza das bases do feminismo, depois de grandes avanços, hooks, 2018, assevera:

Infelizmente, quando o oportunismo dentro do feminismo se intensificou, quando as conquistas feministas se tornaram lugar-comum e passaram a ser vistas como pressupostos garantidos, várias mulheres não quiseram se dedicar ao trabalho de criar e sustentar solidariedade. Um grande número de mulheres simplesmente abandonou a noção de sororidade. Mulheres individuais que já haviam criticado e desafiado o patriarcado se realinharam com homens sexistas. Mulheres radicais que se sentiram traídas pela feroz competição negativa entre mulheres muitas vezes apenas recuaram. E, nesse ponto, o movimento feminista, que tinha como foco transformar positivamente a vida de todas as mulheres, ficou ainda mais estratificado. (p. 31).

Sabemos que apenas com muita solidariedade e sororidade feminina é que a causa avança, é em busca dessa união entre mulheres, que por muitas vezes nos vemos diante de pensamentos patriarcais, que nos foi ensinado, através da própria educação que não via a mulher como um ser capaz e de direitos, que viviam em uma sociedade que não aceitava a força e determinação de mulheres que tem opiniões e de coragem para quebrar barreiras, em busca de justiça e igualdade de direitos.

Mulheres essas, muitas vezes vistas pela sociedade como loucas, despreparadas, que tem capacidade, mas, que não são valorizadas, esse é o tipo de sociedade que queremos para as gerações atuais e futuras? Mulheres são questionadas diversas vezes por motivos que homens não os são. Escolhas, caminhos, decisões que temos total capacidade e lucidez para fazê-las.

Ensinar-nos que a educação era a via certa para a liberdade. Os professores estavam lá para nos guiar e nos mostrar o caminho até ela. Quando cheguei à faculdade, fiquei realmente abismada ao encontrar professores que pareciam ter como principal fonte de prazer na sala de aula o exercício do poder autoritário, esmagando nossos espíritos e desumanizando nossa mente e nosso corpo. (HOOKS, 2010, p. 20).

No anseio pela liberdade e direito, mulheres por vezes se deparam com esse tipo de comportamento, sexista e racista. A resiliência necessita entrar em ação quando esses tipos de comportamentos são apresentados por seres preconceituosos que atravessam em seus caminhos.

Pergunta-se, até quando mulheres precisarão passar por tais situações, saber lidar e conviver com essas atitudes? É preciso dar um basta, a esse tipo de pensamento e criação, e para que isso ocorra, necessário se faz a importância de falar, debater e identificar esses comportamentos para que no futuro isso seja de fato, extinto.

Na criação de um futuro melhor e direitos ao próprio corpo

Na educação das novas gerações também é importante disseminar o feminismo para ambos os gêneros. A importância de uma menina crescer e saber que pode ser, estar, ir a qualquer lugar, tomar qualquer caminho sem medo de ser vista com um ser não pertencente à aquele lugar.

O foco feminista em crianças foi um componente central do movimento feminista radical contemporâneo. Ao educar as crianças sem sexismo, as mulheres esperavam criar um mundo futuro onde não haveria necessidade de um movimento antissexista. (...) De vez em quando, as feministas chamavam atenção para a necessidade de educar os garotos de maneira antissexista (...) (HOOKS, 2018, p.84).

O caminho sempre será educar meninos e meninas antissexistas, para que no futuro todos possam alcançar seus objetivos e seguir seus caminhos sem ter que enfrentar grandes questões por conta do gênero. Os impactos a longo prazo, de uma criação com respeito e igualdade pode dar uma perspectiva de vida e futuro às crianças de um melhor cenário para se viver.

Em nossa nação, uma multidão de pessoas está preocupada com a violência, mas se recusam resolutamente a relacionar essa violência ao pensamento patriarcal ou à dominação masculina. O pensamento feminista oferece uma solução. E depende de nós tornar essa solução disponível para todo mundo. (HOOKS, 2018, p.78).

Dar a todas, liberdade de escolha na vida é sempre o melhor a fazer, não apenas com relação a criação das filhas e filhos, como dos próprios corpos, roupas, desejos e na vida afetiva também. A liberdade de se relacionar com pessoas do mesmo sexo é parte importante da revolução sexual feminista. Os métodos contraceptivos corroboraram para essa revolução, métodos esses confiáveis e acessíveis.

Nesse mundo, uma mulher que tem desejos provavelmente encontrará a interseção entre seu desejo e seu medo. Não acumulamos relatos suficientes que contam o que mulheres faziam para afastar as iniciativas sexuais dos homens, como elas lidavam com os contínuos estupros maritais, como elas lidavam com o risco de morte quando lidavam com uma gravidez indesejada. Sabemos que o mundo da sexualidade da mulher mudou para sempre com o surgimento da revolução sexual feminista. (HOOKS, 2018, p. 95).

Viva a liberdade de escolha de viver como se quer, de explorar seus desejos sem sucumbir nos medos que afligem as mulheres. Não podemos ter medo, não podemos ter medo de pensar por nós mesmas e nem ter medo de ensinar outras mulheres, meninas a pensar criticamente. É como enfatiza hooks (2020), não nos tornamos pensadoras críticas da noite para o dia, primeiro, eles precisam aprender a aceitar a alegria e o poder do pensar propriamente dito. Para tal precisamos desconstruir certas *verdades*^{que} nos foram impostas pelo patriarcado, por uma educação sexista e unilateral.

Conclusão

Vimos na pesquisa realizada, o que a autora viveu e reviveu através da sua própria escrita, mostrando fácil compreensão para qualquer pessoa que busque conhecer melhor o feminismo, sendo esse inclusive, justamente o objetivo da autora. Ter acesso ao conhecimento para obter a informação necessária afim de engajar-se em causas que realmente valham a pena lutar.

Precisamos conhecer para entender e para que possamos lutar pelos nossos direitos, pelo direito a vida das mulheres, pelo direito as escolhas, tanto profissionais como pessoais, pois, é contínua a vivência de casos de violência doméstica, de violência patrimonial, de violência psicológica, de violência de gênero, na política, nas quais as mulheres são um de seus principais alvos, principalmente no que se refere a ironias, tanto de comentários que as ridicularizam publicamente, quanto daquelas que as inferiorizam em sua condição intelectual e profissional.

Nas palavras de Colling (2014), vemos claramente traduzida essa situação, vivemos tempos diferentes, mas ainda discursos iguais, porque os discursos são construídos a partir de uma categoria binária.

Os ensinamentos ao longo desse artigo são justamente para trazer mais luz para essa questão tão importante e que envolvam ainda mais pessoas na luta e na quebra de pré-conceitos por vezes criados envolta de assuntos importantes e tão relevantes tratados aqui.

Por fim, é patente que a sociedade vem passando por profundas mudanças de comportamentos e de relações de reconhecimento de direitos, mas vemos que esta e uma bandeira, é uma luta que não se pode esmorecer, que não se pode de maneira alguma deixar a calmaria tomar conta, pois, é necessário estar constantemente atentas e vigilantes à tentativa brutalizada de manter a mulher em lugares e condições de subalternidade, o que faz com que as mudanças tão aguerridamente pleiteadas, discutidas e obtidas, como forma de empoderamento feminino, produzindo saberes, se coloquem de maneira acelerada focalizadas em manter a condição social de todas as mulheres, sem nenhum tipo de distinção, em relação ao gênero, em patamares de merecimento e reconhecimento, explicitando que jamais recuaremos quando o assunto for desigualdade das relações, evitando práticas e discursos sexistas.

Referências

COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014.

FUNCK, Susana Bornéo. **Desafios atuais dos feminismos**. In: STEVENS, Cristina; OLIVEIRA, Susane Rodrigues de; ZANELLO, Valeska. **Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas**. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2014. 620 p.

Hooks, Bell. **O Feminismo é para todo mundo, políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 2018.

Hooks, Bell. **Olhares negros. Raça e representação**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

Hooks, Bell. **E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo. Tradução Bhuvi Libanio. Rio de Janeiro, Rosa Dos tempos, 2019.**

Hooks, Bell. **Ensinando pensamento crítico: Sabedoria prática. Editora Elefante, São Paulo, 2020.**